

setembro/2021

# Revista *Verlidelas*

edição nº 15

o encanto  
poético de  
**DANNIEL  
VALENTE**



VERLIDELAS

setembro/2021

# Sumário

ENTREVISTA & POESIA ... 03  
**Daniel Valente**

CONTO ... 12  
**"Malleus Maleficarum"**  
**César Costa**

DEBATE ... 21  
**Escritores Perguntam,  
Escritores Respondem #4:  
literatura & comportamento**

EXPEDIENTE:

Editor-chefe:  
•Sergio Carmach

Editora assistente:  
•Luzia Barbosa

Foto de capa:  
•Daniel Valente

Revisão, diagramação e arte:  
•Sergio Carmach

contato@verlidelas.com  
[www.verlidelas.com](http://www.verlidelas.com)  
[www.facebook.com/verlidelas/](http://www.facebook.com/verlidelas/)

Verlidelas Editora  
CNPJ 27.850.067/0001-71  
Rio de Janeiro/RJ

## EDITORIAL



"Em uma época de lirismos impregnados de rancor e resistência, Anorkinda tem a coragem de inspirar amor e leveza." Essa frase – tirada de um texto que compus a convite da autora para a quarta capa de **"No Delicado Azul dos Versos"** – também serve para falar da obra de outro poeta: Daniel Valente.

Hoje, mais que nunca, autores (e prêmios literários) parecem privilegiar o engajamento em detrimento da boa trama, da beleza poética. Nada contra. Cada um sabe de si e deve seguir a linha que bem entender. Há até quem considere esse engajamento como atributo indissociável da arte. Respeito tal posicionamento, mas discordo (na **segunda edição da revista**, tivemos um saudável debate com três escritores sobre ideologismos na literatura, no qual esmiucei minha opinião). Na qualidade de leitor, venho dando preferência a livros cujo conteúdo foca no espírito, numa percepção não impositiva do mundo, como **"Tempos de Mar"**, do Daniel. Até quando fala de Deus (e numa abordagem contrária ao meu entendimento), Valente me soa bem, pois seus versos não têm uma conotação religiosa, doutrinária. O autor simplesmente dá vazão à sua espiritualidade. Na entrevista deste mês, podemos avaliar esse e outros aspectos da obra do poeta, além de conhecer um pouco de sua trajetória.

Nesta edição, também trazemos um texto completo da recém-lançada antologia **"Queimem as Bruxas – Contos sobre Intolerância"**, um livro de intolerância contra a intolerância – como bem diz sua sinopse, "um dos mais difíceis exercícios para um ser humano é respeitar pontos de vista alheios". Seguindo nessa linha de pluralidade de ideias, este número termina com a seção "Debate", desta vez com um bate-papo sobre literatura e comportamento.

Uma boa leitura a todos!

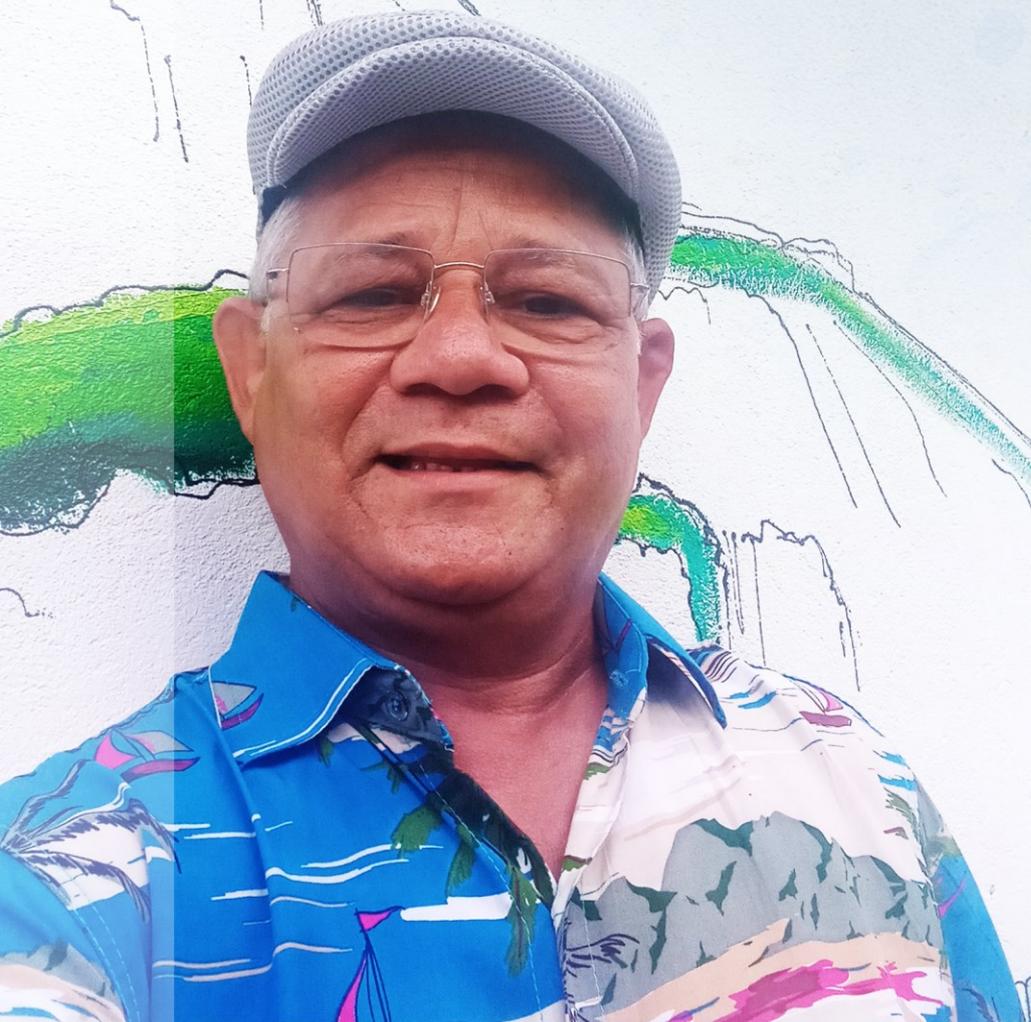
**Sergio Carmach**

Apoiam esta edição:



# entrevista

por Sergio Carmach



Licenciado em Letras, professor da rede pública, poeta, cronista e contista, o amazonense Luiz Daniel Valente da Silva reside em Rio Preto da Eva. Venceu o Prêmios Literários Cidade de Manaus 2011 (melhor livro de poesia) e foi apontado por júri como um dos dois melhores poetas da coletânea "Delirium Liricus". Membro da Academia de Letras do Brasil (seccional Manaus), publicou "Barco de Papel", "Janelas do Mundo", "Pétalas de Amor" e "Tempos de Mar" (Verlidelas). Na entrevista a seguir, o autor fala da relação entre seus versos e Deus, sobre arte poética e muito mais

# DANNIEL

# valente

### **Como se desenvolveu sua relação com a poesia?**

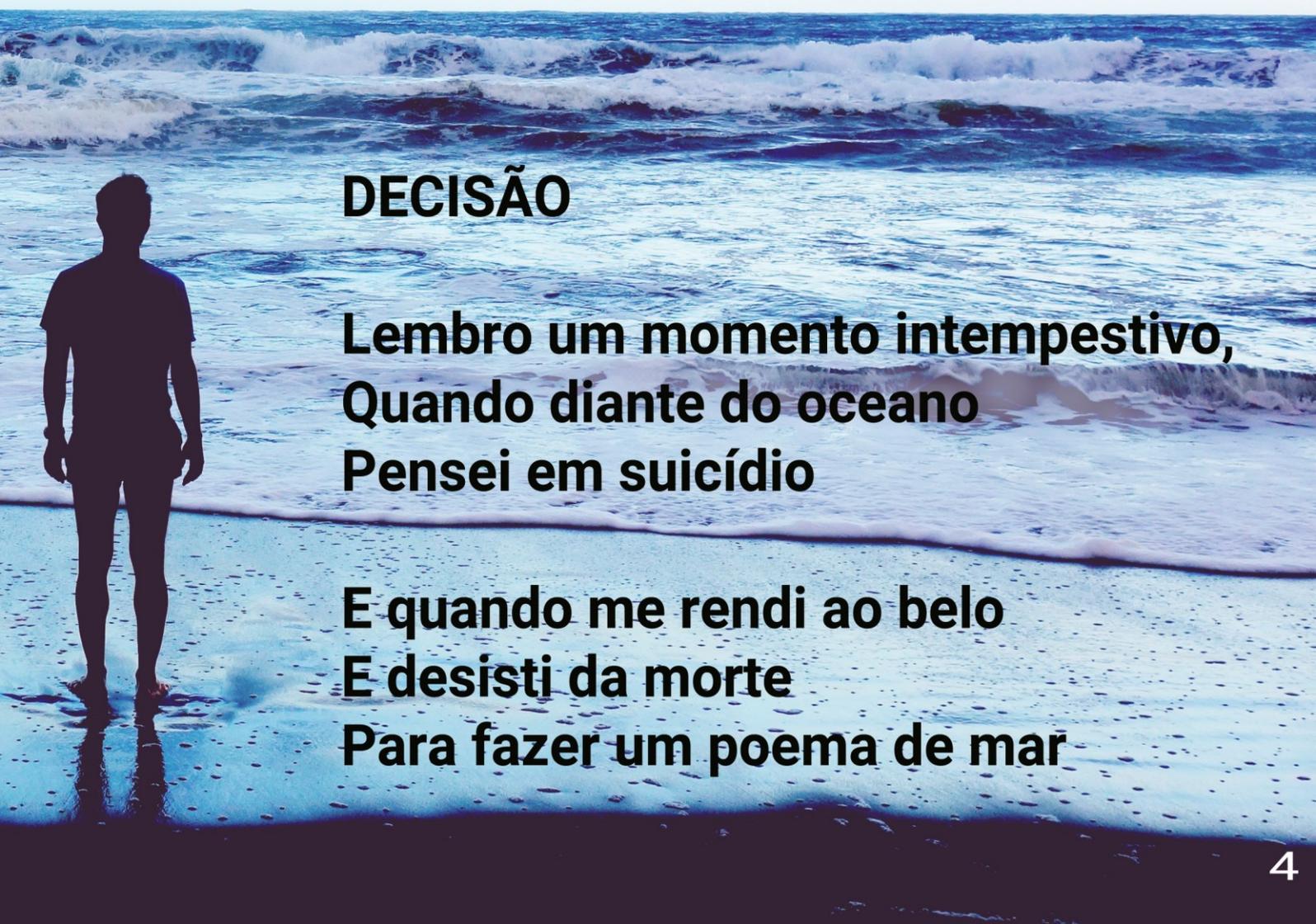
Fazemos poesia na infância quando fantasiamos o “vruummm” de um carrinho de madeira ou conversamos com o rio, as estrelas, com o lugar que nos cerca. Então, creio que tenham sido essas as minhas primeiras inspirações. Sem falar na lua, a primeira fonte em que muitos poetas vão beber. A escrita, no sentido de literatura, aconteceu por acaso. Eu costumava trocar correspondência com um amigo, Jorge Luiz Jacques Dorneles. Ele sempre colocava poemas em suas cartas, e eu tecia comentários. Certa vez, deixei uns versos rimados em minha resposta, e o Jorge disse que eu escrevia muito bem. A partir dessa mentira, que tomei como verdade (risos), nunca mais parei de compor. E acabei me apaixonando pela poesia.

De cara, eu me apaixonei pelos textos do Vinicius de Moraes, por aquela busca pela mulher amada. Esse casamento de poesia com música (“Minha namorada”, “Poema dos Olhos da Amada”...) mexia muito comigo. Contudo, ao conhecer Mário Quinta-

na, vi nascer em mim outro tipo de olhar, aquela coisa do espanto, do poema curto, da leveza, das sacadas poéticas. Quintana me despertou para a frase-poema, talvez até para um jeito de escrever mais voltado para o sentir, com menos ênfase na mensagem. É um tipo de escrita que pode levar o leitor a não compreender determinado poema. Mas, se ele se esforçar e entender, com certeza abrirá um sorriso e verá que valeu a pena o esforço.

### **Quando sentiu vontade de publicar seus versos e de que forma você se aprimorou na arte poética?**

Ah, essa vontade todo mundo tem. Li em algum lugar que o poeta precisa publicar seus poemas para se livrar deles. Caso contrário, vai ficar mexendo nos versos indefinidamente ou acabar jogando tudo na lata de lixo. Por isso, ainda bem jovem publiquei por conta própria “Pétalas de Amor”, que, apesar do título, não era tão romântico... Era bem metapoético. O primeiro livro é sempre o laboratório inicial do autor, é o momento em que vem uma reflexão



## **DECISÃO**

**Lembro um momento intempestivo,  
Quando diante do oceano  
Pensei em suicídio**

**E quando me rendi ao belo  
E desisti da morte  
Para fazer um poema de mar**

# INESGOTÁVEL

**A escrita começa  
Com rabiscos tímidos  
Sobre o primeiro amor**

**E depois sobre o segundo  
E outros amores...**

**Até se consolidar  
Em um amor inesgotável  
Pelo próprio ato de escrever**

sobre ser ou não poeta. E também é o momento em que ele passa a saber como é lido, ou seja, como o leitor recebe a sua obra. Surge, então, a vontade de aprofundar o conhecimento, de ler algo teórico e explorar os elementos poéticos com propriedade. Eu me refiro a entender mais sobre as técnicas poéticas, conhecer as rimas, as estrofes, a métrica. Mesmo que você só faça verso livre, é bom ter esse conhecimento. Além disso, procurei ler alguns livros, e um dos que me marcaram muito foi “Poesia-Experiência”, de Mario Faustino, uma viagem fantástica pela logopeia, fanopeia e melopeia, modos retóricos definidos por Ezra Pound para enriquecer a linguagem poética. A melopeia traz a musicalidade poética, o ritmo, os sons. A fanopeia trabalha com a parte visual, fazendo prevalecer a imaginação.

Já a logopeia é o brincar com as pala-

avras, fazendo prevalecer a beleza e a estética: trocadilhos, combinação da forma e do conteúdo dos termos... Gesualdo Bufalino dizia que nada li-sonjeava mais o espírito que a mistura de sentidos e sons numa taça de sílabas de ouro.

## **Comente sobre os livros seguintes a “Pétalas de Amor”.**

O saudoso poeta e amigo Aníbal Beça costumava dizer que, do primeiro livro dele, nenhum poema se salvava. Lembro que respondi: “Ah, no meu primeiro livro quero que se salvem pelo menos uns dez.” Me-rra pretensão. A verdade é que também nenhum se salvou.

Dessa forma, o segundo livro acaba sendo uma espécie de primeiro.

É como se o poeta dissesse: “Agora é que vai valer.” Assim nasceu “Janelas do Mundo”, uma abertura para novas visões, ou seja, os poemas funcionam como janelas por onde se pode ler o mundo. Porém, apesar de tudo, essa obra também não chegou a ser o que eu realmente queria. Então, certo dia senti uma necessidade de me fazer a seguinte pergunta: “Por que escrevo?” Cheguei à conclusão de que eu deveria escrever para agradar a Deus. Nesse contexto, nasceu “Barco de Papel”. Para a minha surpresa, na mesma época também ganhei o Prêmio Literário Cidade de Manaus. Esse livro e o prêmio proporcionaram um norte para a minha vida literária. Passei a acreditar que a poesia está nas coisas mais simples criadas por Deus – na infância,

na natureza, nas pessoas, nos mínimos lugares onde a vida habita...

### **Agradar a Deus também significa compor poemas religiosos?**

Agradar a Deus é se voltar ao belo criado por Ele. Nesse sentido, escrever um poema – seja sobre uma árvore, um luar, uma criança – sempre será uma espécie de louvação, de glorificação de Deus. Gosto do que há de espiritual nas coisas, sem uma fixação no mero contexto religioso. E, assim como a religião, a poesia tem um caráter edificador, transformador, universal e moral.

Num momento em que eu me dava por satisfeito no que diz respeito a publicações e pensava em

## **A BONDADE DE DEUS**

**Quando menos espero,  
Bate em meu telhado  
Um abacate...**

**A mangueira também chama  
Com a sua voz de infância**

**Gosto da minha rua sem saída,  
Fica distante do mundo, distraída,  
Bem longe dos holofotes**

**Daqui eu posso ouvir melhor  
A bondade de Deus**

escrever só nas redes sociais, recebi um convite, como se Deus estivesse me convocando a prosseguir. A amiga Anorkinda Neide me chamou para participar da antologia “Delirium Liricus”, da Verlidelas, e – de forma surpreendente – acabei premiado com a publicação de um livro solo, “Tempos de Mar”. Tudo isso me fez enxergar que ainda vale a pena brincar de poesia em um mundo tão conturbado.

#### **A vida das pessoas pode mudar com a poesia?**

É inexplicável o que a poesia pode fazer. É incrível o encantamento provocado em alguém pela forma de um autor se expressar, é incrível o poder transformador da palavra. Porém, partindo do princípio de que escrevo para agradar a Deus, acredito espe-

cialmente que a poesia possa oferecer um pouco mais de humanidade ao leitor, um pouco do belo, do bem; que possa de fato expressar Deus. Costumo dizer que o lugar escolhido pela *poesia* para morar se chama *poema*. Como são muitos os poemas, são várias as moradas para a poesia. Em um poema antigo eu dizia: “A poesia é uma menina complexa, travessa, indefinida. Poeta é o que se apaixona por essa menina.” E em algum lugar eu li: “Poeta é aquele que vê mais perto a gaivota que voa mais longe.”

#### **O tema “infância” parece cativar você. Por que isso acontece?**

Sempre escrevi sobre outros temas, mas de repente fui tomado pela imagem do rio, do mar, da nature-



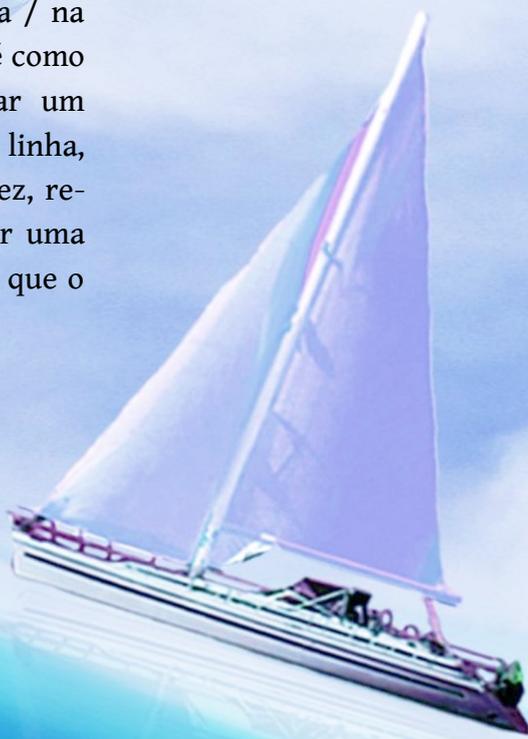
za... E me dei conta de que eu também estava nesses lugares na forma de um menino. Foi na infância que aprendi a ler o mundo, que comecei a namorar com a poesia, mesmo antes de dominar a escrita. Aquela vida com a minha família, quando eu ainda tinha os meus pais e os meus irmãos, nunca passou. E ela é sempre resgatada por meio da literatura. Talvez por isso eu tenha me identificado tanto com “A Importância do Ato de Ler”, de Paulo Freire. A infância não é um tema especial, mas ele invadiu a minha escrita com a força de uma pororoca, de uma fotografia antiga.

**Cite um poema de sua autoria que goste de forma singular.**

“pescar um poema / é simples, / basta a lua / na ponta do anzol”. Gosto desse poema porque é como uma dica para quem quer escrever. Pescar um poema é meditar, esperar o peixe puxar a linha, aguardar a ideia acontecer. A lua, por sua vez, representa a fonte de inspiração, que pode ser uma mulher, uma estrela, um barco... Não é à toa que o poema se chama “Isca”.

**Você tem algum sonho que falta realizar?**

Não sei se é bem um sonho, mas eu gostaria de seguir trabalhando com literatura em escolas. É triste ver os escritores distantes dos jovens. Em parceria com a professora Elcivan Duarte, dirigi oficinas de leitura nas escolas Leonor Uchoa de Amorim e Carolina Perolina Raimunda Almeida, em Manaus. A experiência foi encantadora. Percebi que a poesia é sempre bem-vinda entre os alunos, e pude reconhecer muitos jovens talentos nesse projeto, chamado Futuros Escritores - Uma Metodologia de Ensino. Neste momento difícil e confuso de pandemia, também estamos realizando encontros *online* na Escola Professor Sebastião Augusto Loureiro Filho.



## DA CONFIANÇA

**Luar atrás da nuvem...  
Assim está meu coração**

**Febril está meu sonho,  
A esperança é lareira sem brasa**

**O poema aperta as minhas mãos,  
Vou com ele como quem confia**

**Qual conselho você daria ao jovem que deseja escrever?**

Escreva, escreva e escreva. Escreva independentemente da crítica, escreva por amor, por necessidade, por vontade, por um ideal... Não importa, não pare de escrever. Assim como amar se aprende amando, escrever se aprende escrevendo. Confesso que ainda não aprendi a escrever da forma que desejo, mas me divirto com o que componho. É preciso sentir felicidade ao escrever.

**Você gostaria de deixar uma mensagem final?**

O escritor e o leitor, antes de se apaixonarem por uma composição, precisam reconhecer o que há de verdadeiro, belo e puro nela, perceber se o texto leva de fato a Deus. O mesmo deve acontecer em qualquer tipo de arte. A minha escrita não teria nenhum valor se desviasse o homem do seu destino principal. Ela deve, ao contrário, contribuir para a boa caminhada. ■

## **RIO PRETO DA EVA**

**Rio Preto de natureza  
Cristal de água corrente  
Deus preserva esse ambiente  
Onde habita a pureza...**

**Rio que levo e que me leva  
Igual menino ao sol  
Bem no meio da selva  
Alegre como um girassol**

**Paraíso que Deus me arranja  
Abençoado pelo redentor  
Geografia do amor  
Terra da laranja...**

**Ar puro, ternura, grandeza  
Tudo respira e enleva...  
Pulsa aqui a beleza  
É Rio Preto da Eva...**

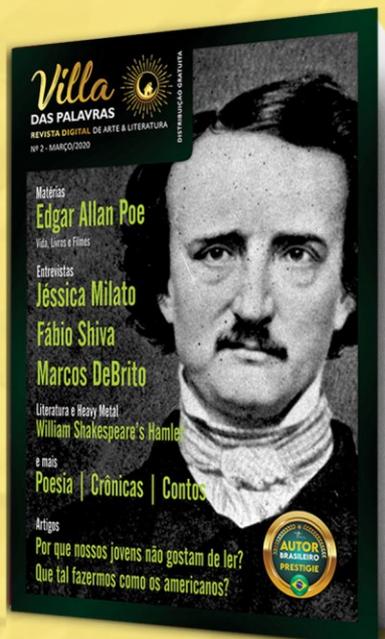
# se você gosta de revistas literárias...



## conexão Literatura

Visite:

<http://www.revistaconexaoliteratura.com.br/>



Visite:

<https://www.adrianovilla.com.br/>



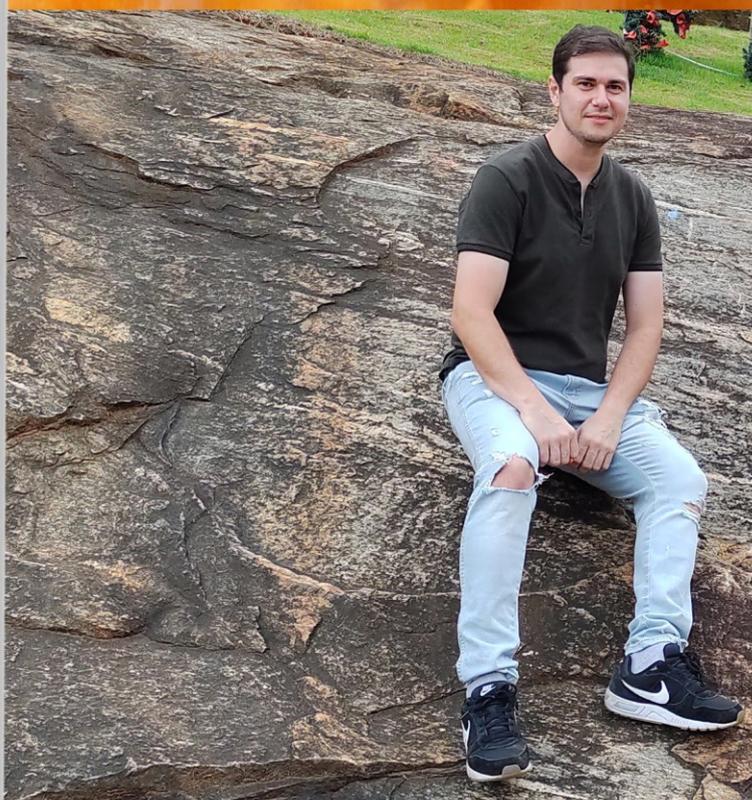
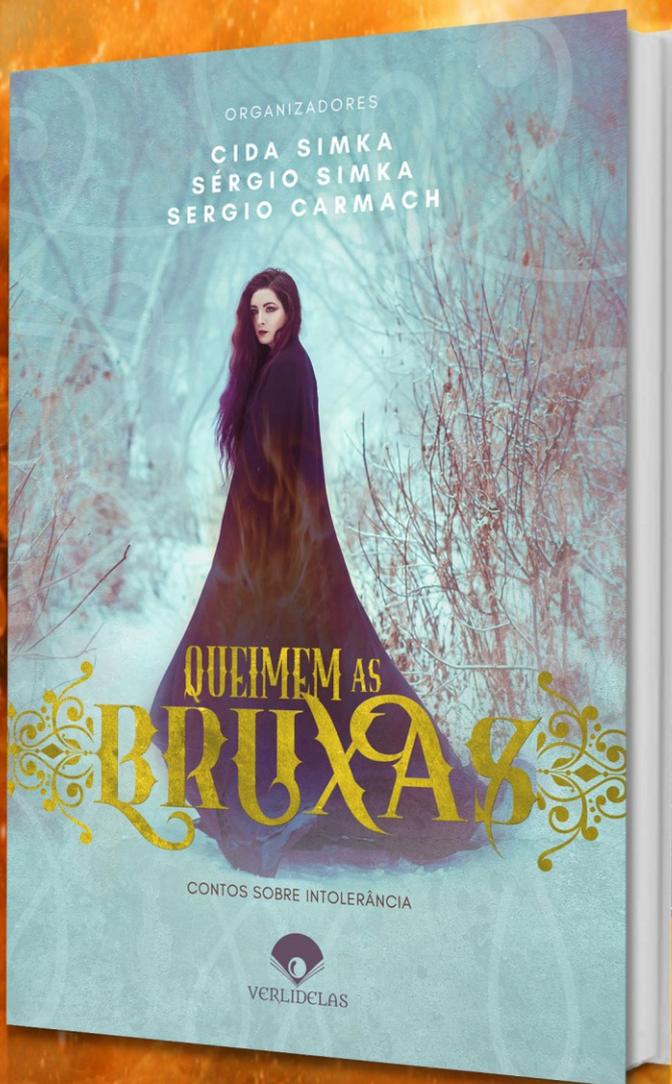
**Jussara Fátima Liberal**

Ilustrações:  
**Liliane Romanelli**

Conto

# "MALEUS MALEFICARUM"

Natural de Resende – RJ, César Costa é bacharel em Sistemas de Informação. Vencedor do Concurso de Novelas Históricas (Bahia – 2012) com a obra "2 de Julho – Uma História de Liberdade", é também autor dos livros "O Guerreiro de Aukazland", "O Sequestro", "Lado A e Lado B – Retalhos de uma História de Amor", "Os Casos Ocultos de Sherlock Holmes" (volumes 1 e 2), "Meu Amigo William", "O Maior Tesouro da Terra", "Drazaon e Outras Histórias" e "Sete por Cento" (em parceria com Mila Wander). Participou de diversas coletâneas, inclusive da recém-lançada "[Queimem as Bruxas- Contos sobre Intolerância](#)", para a qual compôs "Malleus Maleficarum"



CÉSAR COSTA

– **COMO INICIAMOS AS ANOTAÇÕES**, senhor arcebispo? – o escrevente estava ansioso, era a primeira vez que servia àquela autoridade.

– Ora, miúdo, inicia-se um documento sempre pela datação. Logo após, coloca-se o assunto... Não te parece óbvio?

O escrevente não retrucou. Molhou a pena na tinta e, conforme o texto era ditado, foi rabiscando no topo da folha.

– Braga, 1º de maio de 1565. Visitação inquisitorial do Arcebispo de Braga à cidade de Braga, Viana do Foz de Lima e Vila do Conde... – disse o clérigo, que continuou após pigarrear: – Ao Santíssimo Papa, meus respeitos e admiração. Remeto à Vossa Santidade este relatório com o resultado das investigações no que tange às acusações de bruxaria nos já referidos locais.

O escrevente parecia anotar tudo com a maior atenção.

– Como Vossa Santidade é capaz de perceber, e conforme se esperava, todas as denúncias referem-se a mulheres adultas, que, em sua maioria, negam as acusações, embora tenha havido confissões mediante minha persuasão. As medidas necessárias estão por ser providenciadas...

O escrevente ergueu os olhos e encarou o arcebispo, que permanecia com o semblante e a voz inalterados. O jovem rapaz sabia exatamente a quais medidas o clérigo se referia. Ainda que soubesse do risco de levar uma grande bronca, o rapaz ousou interromper.

– Arcebispo, com mil perdões, por que afirmas que já era esperado todas serem mulheres?

– Pois está claro, ó miúdo. Não estudastes o “Malleus Maleficarum”?

– Ainda não, reverendíssimo.

– O que cá estás a fazer? Se não conheces o mínimo que se deve saber sobre o assunto, de que tu serves?

– Meu pai, um cavaleiro, solicitou que...

– Ah, pois, já compreendi! – o arcebispo interrompeu o jovem, respirou fundo e continuou: – “Malleus Maleficarum”, manual da demonologia, escrito por Heinrich Kramer e James Sprenger. Precisas familiarizar-te com ele, miúdo...

– O que ele diz? – o escrevente ajeitou-se na cadeira como se estivesse prestes a receber uma lição.

– O que parece óbvio quando te envolves com casos de bruxaria e outras ações demoníacas. A mulher, sempre a mulher... Quem cedeu à tentação da serpente?

– Eva.

– Exatamente, meu filho. Eva, filha de Deus, feita de uma costela recurva de Adão e, por essa razão, seguidora de caminhos tortuosos... Por meio da mulher, a morte encontrou a Terra, o diabo ganhou poder entre os filhos dos homens, o pecado foi instituído e o paraíso se foi.

- Compreendo...

- As mulheres, com sua natureza abominável, entregues aos prazeres da carne, venenosas, enganadoras, mentirosas... De fato, um animal imperfeito... - o arcebispo divagava.

- Assim são todas as mulheres? - o rapaz questionou, fazendo o clérigo retornar de seus devaneios.

- Vê bem, ó miúdo. Apesar de sua pouca fé inata, algumas mulheres conseguem entregar sua vida a Deus e, dessa maneira, afastar-se das artimanhas do Príncipe das Trevas.

- Sim, meu pai sempre me alertou sobre o baixo intelecto delas, não há muito o que se esperar das mulheres...

- Exatamente. Além disso, são mais carnis. Vê o exemplo, já citado, de Eva, que se entregou ao próprio diabo. Porém, não as subestimes, miúdo, pois, com sua vaidade, sua postura, sua voz doce, suas mentiras e seu andar sensual, a mulher é capaz de corromper e desviar o mais correto dos homens...

- Inclusive o papa? - o jovem excedeu-se.

- O papa é figura santa. Não digas asneiras, parvo!

- Perdoa-me, excelentíssimo, reverendíssimo...

- Satanás está à solta, miúdo. Eis que é chegado o tempo em que sua influência dominará a Terra. Ele espalhará terror, morte e destruição até que seja preso. Então teremos mil anos de paz, em preparação para o retorno do Cordeiro, o Filho do Homem... Isso está claro. As inúmeras desgraças que se sucedem mostram que esse período está às portas... Quem tiver olhos para ver, veja... Quem tiver ouvidos para ouvir, ouça... Compete a nós impedir que seu poder se alastre e garantir a chegada do tempo de paz o quanto antes...

O arcebispo continuava divagando enquanto o jovem o encarava, boquiaberto. Tudo aquilo podia fazer sentido. Tantas desgraças no mundo, tantas catástrofes... Os portões do inferno teriam sido abertos e o demônio estaria reinando. E a porta de entrada para o mal seriam, obviamente, aquelas mulheres, aquelas bruxas. Seus pactos demoníacos, suas poções mágicas e sua maldade estariam transformando o mundo em um palco para Satã.

- Como identificá-las? - quis saber o escrevente.

- Isso não é tarefa simples, miúdo... Elas estão por aí aos montes, podem ser novas ou velhas, casadas ou solteiras. Podem ser pobres ou não tanto... Somente por meio do testemunho de pessoas com credibilidade, ou ainda pela confissão... Mas para tal é preciso muita persuasão.

- Como a que o senhor tem...

- Exatamente.

O arcebispo olhou para o alto, como se refletisse por um instante, e virando-se para o escrevente disse:

- Sim, é algo interessante, uma boa ideia... Anote o que lhe direi.

O rapaz tornou a molhar a pena e posicionou-se de modo muito concentrado. O arcebispo narrou:

– Como é sabido por Vossa Santidade, as mulheres são naturalmente fracas de mente e espírito, como atesta a própria ciência, tagarelas, curiosas, mentirosas, vaidosas, cobiçosas, orgulhosas e mais propensas a cair em tentação, tornando-se, portanto, ferramentas perfeitas para o diabo, o inimigo de Deus e dos homens, lançar sobre esta Terra e seus habitantes toda sorte de magia, maldição e malogro... Sendo guiadas pelo demônio e muito astutas, sua confissão e consequente prisão depende em grande parcela do poder de persuasão do inquisidor.

– Muito bem, reverendíssimo. E o senhor conseguiu quantas confissões? – o jovem rapaz não pôde se conter.

Normalmente, interromper o arcebispo era caso para punição severa, mas, inflado por seu orgulho, o clérigo deixou passar a “ofensa”. Mal contendo o sorrisinho no canto da boca, ele continuou:

– Com profundo pesar, informo que nesta data, depois de algumas semanas de entrevistas pessoais, três dessas mulheres encontram-se encarceradas devido à confissão, após acusação formal pelas vias impostas. Far-se-á a execução em data a ser estipulada. A forma será definida pelo tribunal, que tomará as providências e arcará com os devidos custos.

– Arcebispo... – o rapaz abaixou a pena e a pousou sobre a mesa. – Não tens medo que alguma dessas bruxas lance sobre si uma feitiçaria mortal?

– Ora, miúdo, não te preocupes com isso. Deus Nosso Senhor Todo-Poderoso, criador dos céus, da Terra e de tudo o que nela habita, caminha ao meu lado nessa missão de fé. O demônio não tem poder sobre mim.

– E o senhor não sente por essas mulheres?

– Sentir? Bruxas, cadelas endemoniadas, feiticeiras, agentes do diabo... Por que haveria eu de sentir? Sinto-me satisfeito por livrar este lugar criado por meu Deus de tal existência maléfica! – gargalhou.

O jovem escrevente ensaiou uma risada para acompanhar o clérigo, mas logo ganhou uma expressão séria.

– Acho que elas merecem mesmo seu destino... – o jovem divagou.

– Merecem, mas é claro que merecem... Oh, miúdo, as mulheres são a encarnação do mal. Além disso, preciso mostrar meu valor. Que tipo de arcebispo eu seria se investigasse casos de bruxaria e não condenasse ao menos três ou quatro por vez? Que valor eu teria como inquisidor?

– O senhor quer dizer...

– Não quero dizer nada, oh, gajo, mas... não fica nada bem para um arcebispo não conseguir arrancar confissões...

– Sim, acredito que não seria bom gastar tantos recursos da Santa Igreja sem se conseguir nada...

– Sim, miúdo, não seria nada bom para a minha imagem... Bom, paremos com as divagações... Lê para mim o que escreveste até agora! – ordenou o religioso.

– Não posso, excelentíssimo, reverendíssimo...

– O que queres dizer? Como não podes? És parvo?! – indignou-se.

– Não posso porque não sei ler, arcebispo! – o escrevente adotou um tom irônico.

– Como não sabes ler? É possível que saibas escrever e não saibas ler? O que diabos isso significa?

– Também não sei escrever, arcebispo! – o rapaz assumiu um tom desafiador.

– Mas estamos aqui este tempo todo a brincar? O que infernos escreveste nesse relatório? Dá-me cá esses papéis! – o clérigo se adiantou e os tomou das mãos do rapaz.

Conforme passava as folhas, o arcebispo franzia o cenho ao se defrontar com uma sequência inútil e ininteligível de rabiscos, desenhos pornográficos e manchas de tinta. Que tipo de brincadeira era aquela? Indignado, o religioso virou-se para encarar o rapaz enquanto gritava:

– Que diabos significa iss...

Não houve tempo para completar sua fala. O pesado candelabro atingiu-lhe em cheio a têmpora direita, e seu corpo já idoso caiu ruidosamente no chão. Um fio de sangue escorreu, juntando-se à poeira acumulada no local.

Ao abrir os olhos, aterrorizado, o clérigo se viu amarrado e amordaçado. Tentou forçar as cordas que lhe atavam pés e mãos, mas não foi possível movê-las. O escrevente encarava a cena. O velho arcebispo, no centro de um círculo riscado no chão, debatia-se e exprimia gemidos de dor e horror. O rapaz riu, aproximou-se e cuspiu no rosto do clérigo indefeso.

– Qual destes livros é o “Malleus Maleficarum”? – como não sabia ler, o rapaz escolhera na estante dez dos livros que lhe pareciam os mais demoníacos e bizarros, um deles deveria ser o que procurava. – Pisque o número de vezes referente à posição do livro!

O religioso ergueu a cabeça o quanto pôde e observou os livros espalhados no chão. Piscou sete vezes.

– É este aqui? – o rapaz apontou.

O clérigo anuiu com a cabeça.

– Não estás a mentir, não é? Um homem santo, homem de Deus, não pode mentir...

O arcebispo sacudiu a cabeça dando a entender que não mentia. O rapaz apanhou o livro e começou a folheá-lo. Não podia lê-lo, mas observava as imagens que o acompanhavam. Sentiu um frio percorrer a espinha ao ver desenhos de forcas e fogueiras.

– Cadelas endemoniadas, filhas do diabo... É isso o que as bruxas são?

O clérigo não respondeu, dirigiu um olhar duro para o rapaz.

– Interessante, o senhor me disse que podemos conhecer uma bruxa por meio do testemunho de pessoas confiáveis e respeitáveis... O senhor é uma pessoa confiável e respeitável, arcebispo?

O homem amarrado anuiu.

– Mas não é o senhor o tipo de pessoa que precisa demonstrar resultados? Resultados obtidos a qualquer custo? A custo da vida de pessoas inocentes?

O religioso fez sinal de que queria falar.

– Se eu tirar a mordaca, o senhor não vai gritar, não é? Irás te comportar... Não vou precisar usar isto, não é? – o escrevente sacou da cintura uma faca prateada com desenhos antigos.

O arcebispo balançou a cabeça negativamente, e o jovem, tirando a mordaca, deixou-o falar.

– Tu não compreenderias...

– O que há para compreender? Mulheres inocentes estão a ser queimadas e enforcadas por causa de sujeitos como o senhor! – o rapaz cuspiu mais uma vez em seu interlocutor.

– Meu jovem, não compreendo onde queres chegar...

– Uma das três mulheres que o senhor condenou é minha mãe! – o rapaz vociferou. – Ela não é uma bruxa, nunca foi uma bruxa, nunca fez mal a ninguém e muito menos é uma cadela endemoniada ou filha do diabo, seu maldito! – o jovem tremia de raiva.

– Calma, miúdo, podemos conversar... Posso rever o caso de sua mãe. Se tu dizes que ela não é uma bruxa, talvez não seja...

– Porque meu testemunho é confiável e respeitável, certo?! – o rapaz o interrompeu.

– Isso, isso mesmo, podemos, podemos...

O jovem não permitiu que o clérigo terminasse a frase e desferiu-lhe um forte chute no rosto. O clérigo se encolheu com a dor. O rapaz pegou o “Malleus Maleficarum”, abriu-o e começou a andar em cima da linha do círculo desenhado no chão. Arrancando cada uma das folhas e espalhando-as ao redor do religioso, repetia palavras em latim.

– Então tu, tu és...

Um novo chute foi desferido na boca do arcebispo, que se encolheu novamente, calando-se por alguns instantes.

– Diga, miúdo, se tu não és o escrevente...

– Ah, sim, o rapaz que deveria ajudar-te? Infelizmente tive que o enviar num passeio para conhecer o criador dos céus, da Terra e de tudo que nela habita... – disse em tom irônico.

Um olhar de terror se estampou no rosto do religioso.

Ao terminar de arrancar todas as páginas do “Malleus Maleficarum”, o rapaz pegou outros livros e os jogou em cima do arcebispo. Em seguida, despejou o óleo de três lamparinas nos papéis e no clérigo.

– Cada lamparina representa uma vítima inocente de sua última empreitada inquisidora, e o óleo representa o fluxo de vida delas, que será perdido por causa de ti, seu cão endemoniado, filho do diabo...

– Miúdo! – o clérigo tentou implorar.

Mas o rapaz não lhe deu ouvidos e voltou a pronunciar as palavras em latim num tom ainda mais alto.

Percebendo que nada demoveria o jovem de seu intento assassino, o arcebispo permaneceu em silêncio, aceitando seu destino.

– Arcebispo, por tua natureza abominável, por te entregares aos prazeres da carne, por seres venenoso, enganador, mentiroso, um animal imperfeito..., por tua pouca fé inata, por duvidares e decepçionares, por seres carnal, vaidoso, fraco de mente e espírito, tagarela, curioso, vaidoso, cobiçoso, orgulhoso, propenso a cair em tentação, a agir como ferramenta do diabo, o inimigo de Deus e dos homens, enfim, por seres e representares tudo aquilo que acusaste minha mãe e outras... – o rapaz respirou fundo –, eu o condeno à morte pela fogueira formada por teu precioso “Malleus Maleficarum” e estes outros livros endemoniados... Queima, maldito!

O rapaz pegou uma lamparina ainda acesa e a atirou sobre a pilha que havia formado, iniciando um grande incêndio. Enquanto o fogo se alastrava, o religioso orava, também em latim, quase num choro:

– *Pater Noster, qui es in caelis Sanctificétur nomen tuum, Advéniat regnum tuum, Fiat voluntas tua, sicut in caelo, et in terra. Panem nostrum quotidíanum da nobis hódie, et dimítte nobis débita nostra, sicut et nos dimíttimus debitoribus nostris. Et ne nos indúcas in tentatiónem. Sed líbera nos a malo. Amen.*

– Onde está teu Deus? – o rapaz desdenhou. – Porventura não caminhava ao lado de si? Não te protegia nesta empreitada?

O falso escrevente admirou a cena e sorriu. Sua mãe, sua inocente mãe, estava vingada. Ele não poderia fazer nada para salvá-la, mas podia garantir que aquele homem maldito não condenaria mais nenhuma pessoa inocente apenas para mostrar resultados. Pronunciando uma última frase ritualística, sacou a faca da cintura sem pestanejar, passou-a no próprio pescoço e caiu, vertendo sangue pela ferida aberta.

O preço do pacto estava pago. Satanás cumprira a sua parte, e o jovem bruxo, honrado, cumpria a sua.



# Literagindo

leitura inclusiva

O Literagindo foi idealizado pela jornalista cega Lúcia Mara Formighieri, que atuou como voluntária em projetos de inclusão social em Brasília e na webrádio portuguesa Sons do Tempo. Com textos de qualidade, o *blog* é voltado a pessoas com deficiência. Seu principal propósito é permitir a acessibilidade aos livros por meio da leitura inclusiva, que também é apresentada ao público geral. A partir de obras literárias diversas, o Literagindo realiza uma interação com o leitor, seja indicando livros, narrando histórias do cotidiano, respondendo aos comentários do público-alvo ou transmitindo um conteúdo acessível que visa prioritariamente a transformação da vida das pessoas.

<https://literagindo.com.br/>



IG LITERÁRIO de  
Van Brevelhieri

[https://www.instagram.com/van\\_brevelhieri/](https://www.instagram.com/van_brevelhieri/)



*Van Brevelhieri*

---

## Debate

ANORKINDA  
NEIDE



FABIO  
SHIVA



GUSTAVO  
ARAUJO



MAUREM  
KAYNA



RICARDO  
BELLISSIMO



SIMONE  
MARQUES



ALEXANDRE  
BHERING



BEN  
OLIVEIRA



FERNANDO DE  
ABREU BARRETO



IVAN DE  
ALMEIDA



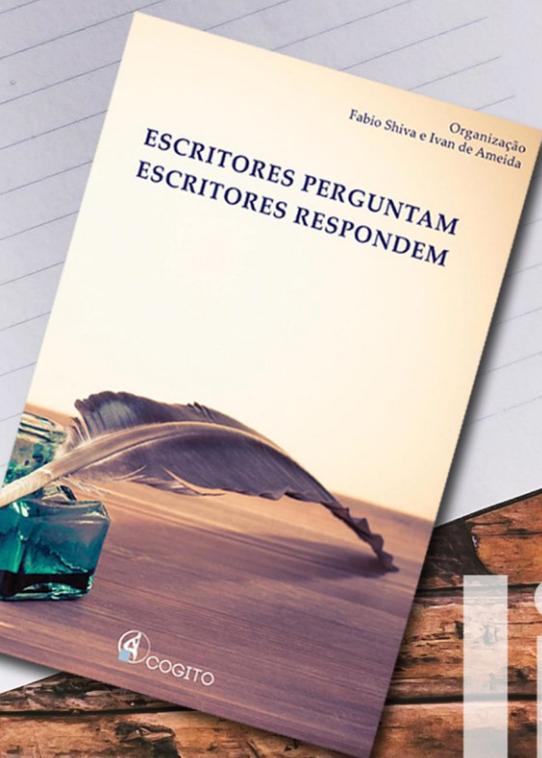
MOGG  
MESTER



SERGIO  
CARMACH



O projeto “Escritores Perguntam, Escritores Respondem” traz um debate literário divertido, e ao mesmo tempo muito sério, entre doze autores de diferentes tendências. A obra foi lançada em formato físico pela editora Cogito, mas pílulas podem ser encontradas aqui na Revista Verlidelas. Nesta edição, trazemos um bate-papo sobre



# literatura & comportamento

**SIMONE  
MARQUES**

**A literatura pode influenciar comportamentos e a construção do imaginário popular de diferentes gerações?**

**MOGG  
MESTER**

Acredito que mais até do que isso. Ela modela e remodela a cada geração esse imaginário, cada obra agindo com mais ou menos força conforme as flutuações, a moda, o estilo e as preferências do momento. Uma obra, a depender de seu tema e da forma como é desenvolvida, pode ativar a imaginação do público e seduzi-lo a criar mais coisas a partir dessa ideia inicial. No século XIX, Mary Shelley, com sua obra *Frankenstein*, mexeu com o imaginário popular de tal forma que até hoje o personagem é explorado pelo cinema, em *animes* ou seriados. Mais adiante, personagens de livros influenciaram comportamentos de jovens assim como personagens de James Dean fizeram a cabeça da juventude de sua época. Mas é preciso ver que o personagem de uma época tem mais influência nela. Sr. Pickwick era um personagem do século XIX, e teve uma maior representatividade naquele período. Não significa, porém, que não possa ter nos tempos modernos algum poder sobre o leitor que por ele se apaixone.

**SIMONE  
MARQUES**

E quanto ao imaginário que temos hoje, com o aumento substancial dos gêneros erótico, distópico e fantasia, o que acha que podemos esperar dele?

**MOGG  
MESTER**

Uma expansão grande. Diria que colossal. Pelo que tenho observado, está cada vez maior. Distopias existem a partir do momento em que o homem repensa a sociedade em que vive. Elas são uma forma de

crítica ao que se tem, em busca de se pensar o novo. Daí surgem as utopias na literatura. Mas o homem, na qualidade de ser incompleto, sempre está insatisfeito com o que tem. Nossa época é um dos momentos em que o escritor e a sociedade precisam pensar e repensar mais o que se tem. Orwell e Huxley, dentre muitos outros, são quase proféticos em suas obras. São quase projetistas de um futuro que a literatura busca retratar, talvez na vã tentativa de evitar o fiasco a que estamos chegando. Em consequência a esse panorama pessimista, talvez realista, surge a força na apelação maior pelo erotismo como meio de compensação. Compensam-se as perdas apontadas pela distopia com erotismo. Huxley, em *Admirável Mundo Novo*, representa o sexo como algo comum, vulgarizado. Freud já falava do princípio do prazer para reduzir as tensões. Todos temos um *voyeur* em nós que busca se realizar com o erotismo no outro, seja por filmes, por outros parceiros reais ou por personagens de livros. Por fim, esse desespero leva o ser humano a procurar suas raízes na fantasia, quem sabe para encontrar possibilidades mais otimistas. A literatura fantástica, para além do entretenimento, envolve simbolismo relacionado ao inconsciente e uma perspectiva de magia, magia esta que pode alterar a realidade ao redor daqueles que a vivenciam. Não seria isso um desejo, uma maneira de mudar o nosso mundo magicamente, já que não nos é permitido alterá-lo de outras formas? Por isso, acho que podemos aguardar uma maior intensificação no foco sobre essas temáticas. Livros como *A Casa dos Budas Ditosos*, do mestre João Ubaldo Ribeiro, só a título de exemplo, estão cada vez mais em voga. O cinema nos traz a possibilidade de visualizar a fantasia descrita em livros e quadrinhos. O mercado mundial pede por isso, porque a realidade está cada vez mais insuportável. Cabe aos autores ouvir ou não o pedido de seus leitores. Cabe ao escritor ser o portador da voz do tempo que ele representa. ■

# Participe!

Inscrições  
abertas até  
22 de outubro

[LEIA O EDITAL](#)



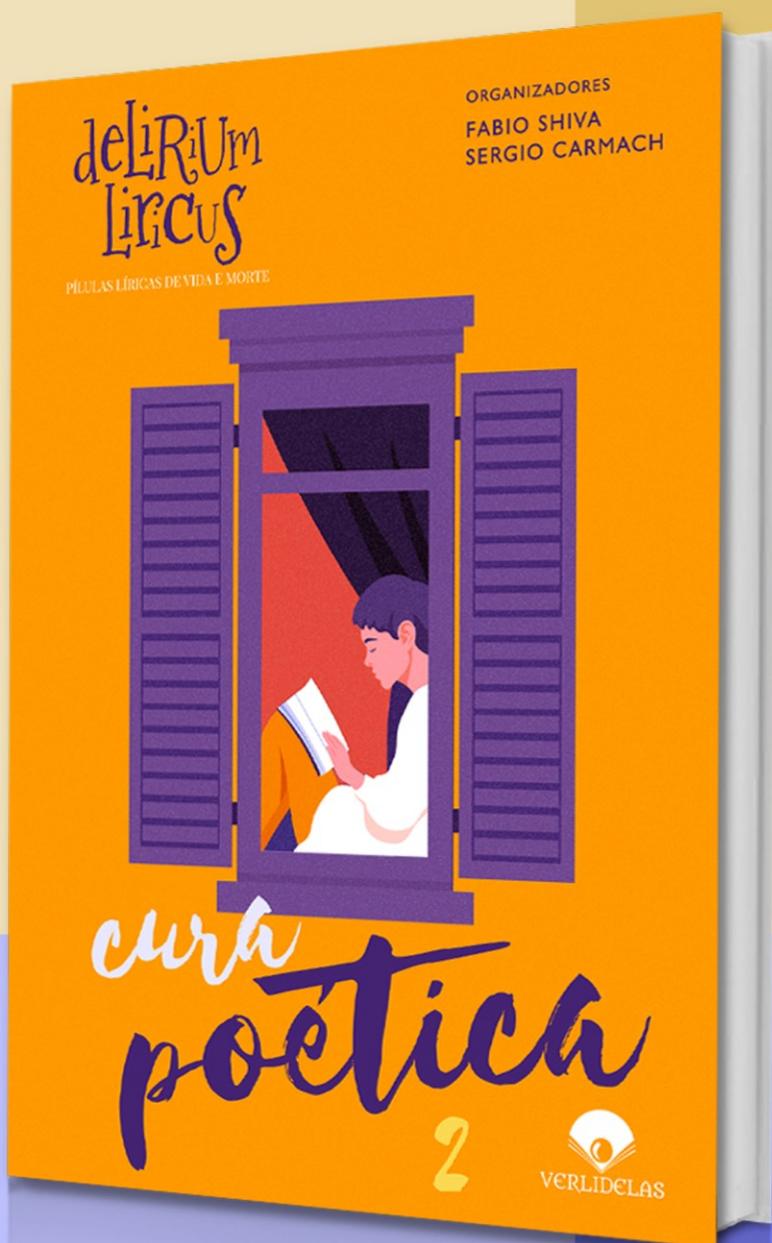
VERLIDELAS



Antologia colaborativa

**PREMIAÇÃO:**  
O autor da melhor poesia  
receberá o valor de  
**R\$ 500,00**

Organizadores:  
Fabio Shiva  
Sergio Carmach



[www.verlidelas.com](http://www.verlidelas.com)

# Nas ondas do rádio

Todo sábado  
um novo tema

**ATMOSFERA LITERÁRIA** com Fabio Shiva



"Atmosfera Literária com Fabio Shiva" é um quadro do programa ATMOSFERA 102, apresentado todo sábado por Fernando Bamboo na Rádio 102.7 FM, de 12h às 14h

[Confira online](#)

Apoio: Verlidelas Editora

